

O ESPELHO:  
OS REFLEXOS  
ONÍRICOS E A  
LINGUAGEM  
POÉTICA NO  
CINEMA DE  
ANDREI  
TARKOVSKY

MIRROR: ONEIRIC  
REFLECTIONS  
AND THE POETIC  
LANGUAGE IN  
ANDREI  
TARKOVSKY'S  
CINEMA

**O ESPELHO**; Direção: Andrei Tarkovsky. Intérpretes: Margarita Terekhova, Oleg Yankovskiy, Filipp Yankovskiy e Ignat Daniltsev. URSS: Mosfilm Cinema Concern, 1975. 102 min. Belas Artes à La Carte.

Nayara Silva dos Santos<sup>1</sup>

### Resenha

Em seu quarto longa-metragem, lançado no ano de 1975, o cineasta e poeta russo Andrei Tarkovsky apresenta aquele que seria seu projeto mais impenetrável, incompreensível e intensamente pessoal: *O Espelho*. Desviando de qualquer modelo de criação e conformidade cinematográfica típica do cinema ocidental, Tarkovsky possui uma filmografia complexa. Suas obras não obedecem à ordem linear de um tempo fílmico habitual, pois, em sua concepção, o tempo não passa de uma categoria subjetiva espiritual e é usado como um recurso de imersão à obra. Seus filmes são montados como um mosaico, um conjunto de fragmentos combinados de forma abstrata que ocasionava o aparecimento de lacunas amplamente abertas a interpretações do público.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Alagoas

Eleito o 9º melhor filme de todos os tempos pela revista britânica Sight & Sound em 2012, o filme narra as memórias e os tormentos do protagonista, o poeta Aleksei, um homem de meia idade que vive os seus últimos dias. Durante a espera amarga da morte, ele relembra o passado, a infância fragilizada pelos horrores da guerra e a relação conturbada com a sua família. A jornada de regresso às lembranças acaba, por consequência, transportando o personagem Aleksei e o espectador para uma íntima e profunda introspecção de seus maiores conflitos emocionais. O filme possui uma premissa simples, mas guarda muitos mistérios em sua forma.

“O Espelho” é uma cinebiografia por entrelinhas. A película traz de forma sublime fatos da infância do próprio diretor. A linguagem cinematográfica se desdobra em dois momentos: o primeiro é composto pelas informações expostas durante o filme, os fragmentos que o cineasta nos apresenta, o que ele quer que saibamos; o segundo período é formado pela exploração interpretativa construída por informações implícitas na trama. Neste caso, tem-se o papel do receptor atuando como cocriador da obra para torná-la mais real e tentar alcançar os efeitos de sentido, muitas vezes ambíguos da narrativa. Trata-se, portanto, de uma viagem ao centro de si. Embalado pelos trechos sonoros das sinfonias de Johann Sebastian Bach e pelo encontro poético dos versos de Arseni Tarkovsky, poeta e pai do cineasta Andrei, o filme transita simultaneamente pelo passado, presente e futuro das personagens, não necessariamente nessa ordem, o que pode confundir a percepção temporal e estimula diferentes leituras.

Inicialmente, o filme se mostra impiedosamente enigmático, nos apresentando um longo plano no qual a mãe de Aleksei, interpretada por Margarita Terekhova, fuma sentada em uma cerca enquanto espera incansavelmente pela volta do marido que servia ao exército soviético. O cenário triunfa como uma pintura: a mulher parece estar esperando há tanto tempo que compõe a cena harmonicamente, como se fosse parte da paisagem. Na sequência, revela-se a primeira de tantas aparições oníricas do filme, um médico. Carregando apenas uma mala, o médico surge por entre as árvores e traz à trama questões sobre a consciência humana e a sua relação com a natureza. A cena remete ao conto *Enfermaria N°6*, de Anton Tchekhov (1892), o que revela uma analogia ao sofrimento humano, ao questionar a falta de empatia do médico em cena e a capacidade de transformação social no contexto da Segunda Guerra Mundial.

Tarkovsky possuía uma potente ligação com a literatura. Esse fato é constantemente explorado em suas obras, sobretudo em *O Espelho*, filme no qual ele enfatiza citações de Fiódor Dostoiévsky para responder a questionamentos pessoais em cenas repletas de dialogismos filosóficos. Após a chegada súbita e os seus questionamentos estoicistas,

o médico vai embora pela mesma passagem mística de sua chegada. Ele encara a câmera distante por longos segundos, a cena se repete em loop, e como uma ponte, um poema de seu pai Arseni Tarkovsky, é usado como transição entre os atos. A quebra da quarta parede se faz muito presente durante o filme. As personagens encaram a câmera com imensa profundidade, o espectador se sente observado. É o abismo cinematográfico olhando de volta.

O pai, Arseni, é o narrador de seus próprios poemas, é também o vento e a figura onírica que aparece em sonho para o protagonista, ora junto à esposa, ora sozinho, marcado pela ausência no filme e na realidade. Entretanto, ele se manteve presente nas palavras, através da poesia e na simbologia dos sonhos do filho. Quanto à mãe, interpretada pela atriz Margarita Borisovna Terekhova, é uma personagem conflituosa que transita entre o mais alto grau de sensibilidade e uma dolorosa apatia. Margarita também interpreta a ex-esposa de Aleksei, o que intencionalmente pode suscitar questões freudianas relacionadas à projeção de desejos inconscientes, como uma possível associação romântica. É evidenciado, ao longo da trama, que o protagonista não possui uma boa relação com a mãe, mas o motivo desse afastamento materno está implícito no filme. Com isso, as relações turbulentas com os pais serão refletidas futuramente no laço afetivo de Aleksei com seu filho Agnet, que também cresce distante do pai e perto da poesia.

A simbologia associada ao espelho é essencial para construir a linguagem visual do filme. O objeto aparece em quase dez cenas diferentes. O espelho é o reflexo simultâneo da infância de Andrei sobre o seu futuro. O presente fílmico se torna reflexo do passado à medida que Aleksei reproduz com seu filho os mesmos erros cometidos pelos pais na sua infância. A fotografia do longa é repleta de mistérios em tecnicolor. Outrora, ele perde a saturação e é marcada pelas cenas em tons sépia ou em preto e branco. As imagens se misturam com registros de arquivos da Segunda Guerra Mundial e do Cerco Leningrado. O cineasta utiliza os quatro elementos da natureza para compor suas cenas com profunda simbologia. O fogo está presente nas lembranças da infância, o ar surge nas transições, a água nos sonhos e a terra como o símbolo do lar, as ruínas de uma pós-guerra.

A obra avança por meio de um roteiro fragmentado, com longos planos, sem início ou fim claramente definidos. A participação ativa do espectador é essencial para determinar um epílogo à narrativa: tomar a obra para si e buscar subjetividade pessoal dentro da história de outra pessoa. O mergulho na psique humana explorada nas lembranças e no silêncio poético presentes nas obras do diretor, continua inspirando a

nova geração de cineastas. Através da linguagem poética, atravessada pela subjetividade e pelo existencialismo, Tarkovsky revela as experiências de uma nação que cresce diante dos tormentos de uma guerra. Seu objetivo nessa obra parece ser o de tornar identificável os reflexos desse espelho.

"O Espelho", de Andrei Tarkovsky, é altamente indicado para aqueles que apreciam filmes que se propõem a investigar a intimidade humana e exploram a função poética da linguagem cinematográfica. Por meio de uma narrativa não linear e de uma estética sensível e profunda, Tarkovsky instiga o espectador a refletir sobre suas próprias memórias e emoções, revelando a universalidade do sofrimento e da incessante busca por compreensão. Para os entusiastas da sétima arte que almejam uma experiência cinematográfica que vai além do entretenimento, O filme emerge como uma obra-prima que desafia e enriquece a compreensão da condição humana, o arco existencial e sua relação com o tempo, a memória e a identidade. Trata-se de um convite à introspecção que, indubitavelmente, ressoará na mente daqueles que se dispõem a explorar este labirinto poético e existencial.